

BOS TN: 249793



20190116: 35840955

ILL Number:



4

Call #: PQ9939.A43 L58 1925

Location: Mugar boss-Stacks

Lending String:

Borrower: es-u-santiago-com

Patron:

Journal Title: O livro da dor : cartas de amor /

Article Title:

Article Author: Albasini, João

Volume:

Issue:

Month/Year:

Pages: ALL

Ship Via:

- ☐ Email: usc@gtbib.net
- ☐ Odyssey:
- ☐ OCLC Article Exchange
- ☐ Sent: (Initials/Date/Time)

Scanning Info:

Scanned By: _____

Date/Time: _____

of pages/exposures:

Supplied By: BOS

Boston University
Mugar Memorial Library
Interlibrary Loans
771 Commonwealth Ave
Boston, MA 02215 USA

Telephone: 1-617-353-3706

Fax: 1-617-353-5553

E-mail: ILLMML@BU.EDU

ARIEL: 128.197.130.110

Warning Concerning Copyright Compliance

The copyright law of the United States (Title 17, United States Code) governs the making of photocopies or other reproductions of copyrighted materials.

Under certain conditions specified in the law, libraries and archives are authorized to furnish a photocopy or other reproduction. One of these specific conditions is that the photocopy or reproduction is not to be "used for any purpose other than private study, scholarship, or research". If a user makes a request for, or later uses, a photocopy or reproduction for purposes in excess of "fair use" that user may be liable for copyright infringement.

Sent From:

Interlibrary Loans - Mugar Memorial Library
Boston University
771 Commonwealth Ave.
Boston, MA 02215 USA

Sent to:

BIBLIOTECA XERAL DA
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE
COMPOSTELA
Préstamo Interbibliotecario e Fotodoc
Rúa do Franco, s/n (Colexio de Fonseca)
15782 Santiago de Compostela (A
Coruña)
ES (Spain)

ITEM NOT FOUND:

- ☐ Volume not on shelf
 - ☐ Checked catalog
 - ☐ Checked reshelving
- ☐ Issue/article missing from volume
- ☐ Vol/year mismatch
- ☐ Citation incorrect or incomplete

Date/Time/Initials: _____

Searching Notes:

Handwritten notes and signatures at the bottom right of the page.

O LIVRO DA DOR

(CARTAS DE AMOR)

POR

JOÃO ALBASINI

Com um prólogo

DE

Marciano Nicanor da Silva

Sócio correspondente do Instituto de Coimbra,
da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras de Lisboa
e da Sociedade de Geografia



1925

— TIPOGRAFIA POPULAR —
— de Roque Ferreira —
— LOURENÇO MARQUES —



PQ
9939
A43
L58
1925

Biblioteca do
Arq. Hist. de Mo
N.º ~~ANULADO~~
Cota ~~Cx: B 23~~
~~ANULADO~~



A

Meu Pai

Que tinha por João Albasini
um verdadeiro culto de amizade
e lhe serviu, nos seus primeiros
passos, de guia desinteressado na
vereda sinuosa da vida.

*Homenagem do mais sincero respeito
e do mais acrisolado amor filial*

M. N. S.

ANULADO

PRÓLOGO

As páginas que seguem foram encontradas no espólio literário de João Albasini. Seu sobrinho Luís Albasini, meu devotado amigo, sciente das relações de amizade sincera que me prendiam ao tio franqueou-me a sua leitura.

O atropêlo do meu serviço burocrático, porém, não me permitiu que saboreasse logo, como era meu desejo imenso, o doce travo daquelas páginas de dor sombria escritas com a alma diluída em prantos.

Decorreram dias e dias sem que eu tocasse sequer naquele tesouro que havia guardado religiosamente no meu escrínio. Uma certa tarde, pesada e triste por sinal, em que me esvaíra em recordações pungentes de um passado que não ia distante, deligenciando fugir ao ataque de *spleen*, a tristeza enorme que de mim se apossara, busquei alvoraçado aquele autógrafo inédito..

E eis me ávido, sôfrego,—como viandante que atravessando o deserto de repente se lhe depara no caminho um oásis — bebendo todo êsse delicioso nectar que um coração de ouro, tocado do mais casto e elevado sentimentalismo, deixou escorrer em horas bem amargas e de grande provação.

São páginas transbordantes de emoção as que formam êste pequenino livro a que primitivamente o seu autor chamara *A Fôrça do Destino*, modificando-o depois para *O Livro da*

Dor, que é, na verdade, o título mais adequado, mais expressivo, mais eloquente.

A dor, sempre a dor, essa sensação aflitiva, angustiosa, que prostra e que mata todos os caracteres, ainda os mais fortes, os mais íntegros.

E porque ele sofria do coração, esse terrível mal que enferma as pessoas afectivas—como ele próprio o afirma—teve desalento, quebranto moral, sentiu torturas e, assim, passou pois à posteridade.

Muito padece quem ama. Este verso escreveu algures João de Deus, o Poeta das Flores. E João Albasini morreu novo ainda porque muito amou e muito padeceu, vogando sempre a sua existência num imenso mar de procela.

Viveu sempre actuando mais pelo coração que pelo cérebro e daí os amargores sem conta, os desenganos horríveis que gradualmente experimentou na sua curta e acidentada vida de jornalista elegante e de homem de bem,

«No Amor, como na Vida, de quem é o triunfo? Dos fortes dos que mentem, dos que batem, dos que falseiam» (*). João Albasini não conseguiu sair vitorioso da luta ingente, dessa du-

*) *Palavras Cínicas*, por Albino Forjaz de Sampelo.



pla jornada da vida e do amor, porque foi sempre, através de todas as vicissitudes, um sincero, um crente.

Morreu com cêrca de quarenta e seis anos de idade, precedendo a sua morte, uns seis anos apenas, essa paixão violenta e arrebatadora que lentamente o aniquilou. Os scépticos, avessos de alma e enxutos de coração, rir-se-hão talvez com desdém da posse dêsse sentimento tam tardio.

A êsses calar-lhes hei a bôca convidando-os a ler os trechos que seguem do grande psicólogo e eminente escritor, Sr. Dr. Júlio Dantas:

«A mocidade é uma corrida vertiginosa: colhemos a flor da vida; mas, tam rápida é a nossa carreira, que mal temos tempo para lhe aspirar o perfume. Aos quarenta anos, não; aos quarenta. anos tudo muda. Começamos a parar no caminho para sentir o deslumbramento de tudo quanto nos rodeia. O be-souro inquieto e dourado que esvoaçava dentro de nós, sos-sega, enfim, para sorver lentamente, voluntuosamente, o há-lito dionisíaco da terra em flor. Já não devoramos a existência: respiramo-la, saboreamo-la. Os quarenta anos são o nosso jar-dim de Epicuro. A nossa sensibilidade, que julgavamos adorme-cida e fatigada, parece despertar para o gôzo de sensações no-vas, de emoções desconhecidas, cuja intensidade nos descon-erta e nos cria a ilusão de que alguma cousa de virginal havia

dentro de nós. *É a idade em que melhor se ama; mas é também — diz-lo a longa experiência da minha vida de *jouisseur* impenitente — a idade em que se é mais amado.*

.....

«Enquanto fui novo, senti à minha volta o desejo, a galanteria, a curiosidade, a sensualidade, a ternura, o amor: só depois dos quarenta anos conheci a paixão. O sentimento profundo que domina uma alma e que decide de uma existência, o amor que morre e que mata, a paixão que ilumina e que transfigura, só os primeiros cabelos brancos têm o poder de despertar, só os quarenta anos os conhecem, só a maturidade viril e reflexiva do homem pode inspirá-los e senti-los.» (*)

*
* * *

Se é certo que a obra dos escritores pertence ao público e as suas misérias íntimas não, é igualmente certo que uma singular e doentia curiosidade leva-nos a devorar com prazer as pe-

(*) *Espadas e Rosas* — Júlio Dantas.



V

quenas misérias de que é feita a vida dos grandes homens ()*.
Aí tendes, leitores, justificada a publicação destas cartas.

O autor dêste pequenino livro foi uma figura de alto relêvo na imprensa portuguesa, o primeiro jornalista talvez da Província de Moçambique, que pela correcção dos seus escritos e pela honestidade do seu carácter, semeou simpatias, criou afectos e conquistou a admiração pública.

A sua obra (**) é vasta, rica de estilo e de imaginação faulhante, aliando ao talento de extrema fecundidade um alto espírito analítico, criterioso e são.

Era grande a sua modéstia e sem limites a sua bondade.

Lourenço Marques, 2 de Novembro de 1925.

Marciano Nicanor da Silva.

(*) *Figuras de Hontem e de Hoje* — Júlio Dantas.

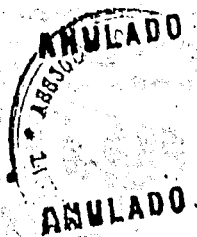
(**) O autor dêste prólogo está compilando todos os artigos esparsoz pelos jornais para depols serem publicadlos em volumes.



JOÃO ALBASINI

• «Amei rude e loucamente, com
fé, com ardor. Fui desamado sem-
pre, escarnecido, pisado.»

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.
— *Palavras Clínicas.*



O Livro da Dor

À 1 hora da manhã de 14 de Maio de 1917. Após o primeiro sono intermitente, agitado de sonhos doces, presságios de tormenta e irremediáveis desgraças.

M...



MENHO de mim para mim, muito no íntimo do meu peito, que te perdi para sempre, que nunca mais me farás a esmola de me olhar e muito menos a caridade de me ouvir a defesa; mas também creio, piamente, como Cristão, como homem lial e sincero que sempre fui, que um dia farás justiça a este desgraçado que, perante a calúnia, a intriga, o Destino inclemente se confessa vencido e te pede perdão sem ter de quê. O Destino das criaturas!

Moralmente morri. Mataste-me.

Não podendo justificar-me; recusando-te tu a se-

guir os preceitos da nossa religião que é ouvir antes de julgar e perdoar com grandeza todas as injúrias, procuro êste meio para me aliviar desabafando aqui no silêncio da noite que vai alta. Perdôo-te todavia, plena e cristãmente, todo o mal que me estás fazendo. Deus te perdoe êste matar a frio uma alma, esta agonia lenta mas certa que, já agora, passa a ser o meu estado de vida. De joelhos perante Deus te juro que nem ódio nem rancor sinto por ti — e a Deus peço até que te encha os dias de venturas, te atapete de rosas viçosas o caminho da vida, desvie da tua rota os escolhos onde encalham as esperanças, os lodos pestilentos onde se chafurdam sonhos de venturas longamente acalentados, suavemente idealizados. Deus olhe por ti — Nossa Senhora da Conceição, minha Madrinha, te dê felicidades. É do fundo da alma que imploro para ti — ó tu que me malaste — as graças inefáveis da Misericórdia divina, generosa e magnificente!

Eu acredito em Deus. Mas acredito também que nasci debaixo de má sina. Faço todo o bem que posso mas nunca, a não ser de Deus, recebi senão afrontas e repelões. Ninguém foge ao seu Destino — fixemos isto que é a súplica de toda a filo-

sofia experimental da vida — perdoem-me os positivistas, os fortes, os que lutam e vencem.

Não espero jamais, repito, ser ouvido por ti — mas creio que um dia hás-de ler estes gemidos de quem na vida só te conheceu a ti para amar pela vez única, e a quem tam cruelmente avillaste, tam deshumanamente crucificaste. Hás-de ler, porque estas notas a que chamo *a noite da minha vida* — endereçadas a ti — sem todavia indicar o teu nome para que nem minha Mãe nem os meus filhos saibam, suspeitem sequer quem foi que tam barbaramente me assassinou. Hás-de ler, quanto mais não seja por piedade para com os mortos — um como que resto da inata comiseração que o vencedor tem diante da sua vítima... E eu não te creio insensível à piedade, filha de Jesus, mãe de todo o poema do Cristianismo!

Pertencem-te pois estas fôlhas tristes duma esperança já morta. Depois de lidas será prudente fazeres o mesmo que fizeste à carta inicial dêste martírio sem nome: queimá-las com a mesma frieza com que, glacial e gloriosa da vitória sôbre um vencido, atiraste com o pé para os enxuros da vilania esta alma que só cometeu o crime de muito te amar.

Gloriosa! Salvé! Como os gladiadores condenados a morrer lutando com as feras na antiga Roma, eu também solto o meu grito: «Avé! Imperatriz, o que vae morrer te sauda...»

O moribundo te envia a corôa do triunfo. Per-tence-te. Tu vingas as mil criaturas por quem passei insensível e egoísta, de quem nem memória guardo já, a quem sempre voltei as costas indife-rente — porque tendo fechado o caminho da feli-cidade assentara, como teoria definitiva da vida, que na verdade *as mulheres não valem o tormento que espalham*. Recebe, pois, essa corôa de glória. Vingaste o teu sexo, se bem que — meu amor — eu não te louvo a acção de tomar a defesa delas, porque essas *elas*, essas mil (Jesus, a minha fama, a calúnia sempre!), eram corpos sem alma e nada tinham nelas de comum o espírito com a maté-ria...

Hoje apalpado pelos desgostos, sofrendo sem merecer tais torturas, alanceado pelas dores, reco-nheço que andava transviado da verdadeira dou-trina. O ser superior é a Mulher. O homem é aquilo que a mulher quer que elle seja; ponto é

haver entre êles comunhão espiritual, o amálgama que os torne um só. Assim reconheço hoje tarde, muito tarde, que há amor, que há paixão; é isto leva-me a apiedar-me de tanto desgraçado que pára neste mundo de misérias, tanto alucinado que impulsionado pela paixão rouba e mata!

Assim quisesses tu e erguer-me hias às culminâncias da virtude; colocar-me hias nos altos da dignidade; farias de mim um santo no seu nicho orando e lutando pela felicidade dos nossos patrícios que tanto precisam de orações e defesa para que dêles se afaste tanta injustiça; ter-me hias rendido a teus pés, trabalhando só para ti, apagando todo o meu passado de vagabundo. Era questão de queres que eu fôsse um Bom. Repeles-me e aí vou eu: Quando eu, náufrago que tanto hei lutado com os elementos adversos, sedento de paz e amor me agarrava a ti, ansioso, como meu doce abrigo, como meu arrimo — meu bordão para o resto desta penosa jornada — sacodes-me das tuas saias, varres-me com o pé para os abismos. ¿Quem sabe, agora, onde irei parar? Fôrças já não tenho e isto sente-se só uma vez. Uma só vez se ama — e ainda bem, porque o insensato que outra vez procurasse tal tormento me-

ANULADO
ANULADO

receria da humanidade sã um tiro, um tiroleio pegado. Ah! não... Isto é doloroso de mais para se desejar, segunda vez!

E contudo é isto o amor, o enlêvo dos poetas, a causa primária, a cousa mais doce que há na vida!

Eu pasmo como se pode desejar um tal inferno! É lá doce, é lá nada!

Jeová, ao expulsar Adão e Eva do Paraíso, ameaçou o Homem com o pão que havia de comer à custa do suor do seu rosto, lançou-o precipitadamente no vasto e desolador vale de lágrimas porque trancara o fruto do Bem e do Mal — depois rilhando o dente irado ficou à porta do Paraíso, de archote na mão, a ver o caminho que levavam os dois réprobos. Viu, tremendo, que os dois, muito abraçados, muito chegados, trocavam um furtivo beijo de esperança, glória e alento. Jeová — o terrífico — teve um gesto de contrariado. Chamou Adão, e, rindo-se daquela confiança com que transpunham a Porta da Morada Inicial, deixou cair na alma ingênua e cândida do primeiro homem estas gotas de veneno: «Miserável

verme que eu criei num momento de bom humor, e tu julgas que me fazes ninho atrás da orelha? Eu senti no ciciar do beijo que trocaste com a companheira da jornada eterna, toda a zombaria que fazes à minha ira. Tens razão. Ésse ser que aí tens ao teu lado, essa flor do sentimento que com ternura arranquei da tua costela, é a tua base na vida, o teu farol, a guia, tudo enfim. É a *carne da tua carne, a vida da tua vida!* Dei-ta para que em todas as imergências da vida ela fôsse o teu amparo, o teu socorro, o teu escudo, o repositório da felicidade, onde, ao cabo do teu âmago dia encontrasses o repouso, a paz, o vaso onde bebesse os affectos, as virtudes que depois transmitirias aos teus filhos e êsses a outros por toda a Eternidade... Desobedeceste-me: expulsei-te do Meu Lar. Mas ias forte e confiado, miserável! Perdida a minha Protecção julgas-te armado para lutar e triunfar porque levas a teu lado a Flor do Paraíso, essa Eva, o teu amparo, o teu orgulho. Verme abjecto, pagarás caro o riso de mofa e o beijo impudico que deste mesmo aqui, nas minhas barbas, quando ainda bramia intensa a minha cólera... Eva, a mulher, êsse ser feito de graça e de ternura, passará a ser para ti d'ora-avante a

causa única de todo o sofrimento. Lanço-lhe, olha, vê? lanço-lhe dentro do coração o germen de todos os malfícios.

«Dela receberás o ódio, a inveja, a intriga, por ela brigarás, renegarás honra, família, matarás, roubarás e morrerás. E quando repousares a cabeça cansada julgando buscar descansar no seu seio, da Mulher surgirá sempre a serpente, essa mesma que a tentou no Paraíso. É um diamante com cambiantes de lodo. Dou-to.» E Adão cabisbaixo perdeu-se no escuro da noite levando a alma triste e negra como era negra e triste aquela noite em que nossos pais dormiram ao relento desamparados da graça de Jeová!

E de então para cá quanto o Homem há sofrido, quanto a Mulher tem zombado do Homem!

Eva colada ao macho já por vezes tinha frouxos de riso vendo Adão lutar com as feras brutais para a defender, para angariar o sustento dos dois.

Mulher, que cousa estranha!

É eu podia bem não te ter encontrado no meu caminho... e a hora tão adiantada da noite de minha vida!

.

Quem me há-de amparar, ó minha Avó, se me deixaste tam só nesta vida! Vivesses tu e eu procuraria o teu regaço para encostar a cabeça cansada, repousar o alquebrado e formidável corpo tombado à fôrça de pedradas, e então pedir-te hia para me embalares, para me deixar dormir um bocado! Avó! Ó santa memória; eu não durmo, eu não vivo!

¿Mas onde estás tu? No mistério da Outra Vida, onde por certo não chega o clamor do pobre e miserável João, que tu acolheste e com tanto carinho criaste através de sacrifícios ingentes! Memória santa... Paz, muita paz e perdoa a evocação, ó minha santa Avó! É que sou muito desgraçado!...

.

«Eu era mudo e só na rocha de granito»

Este verso do grande poeta traduz precisamente o meu *Eu* quando a Fatalidade te poz no meu caminho. Eu era uma planta estiolada, um ser calcinado, um Lázaro cheio de todas as pústulas,

proscrito da felicidade. Vivia conformado com a minha má sorte. Buscara muito novo, na idade da força e da ilusão, satisfazer a aspiração natural em todo o mortal. Falhara lamentavelmente todo o meu plano. Procurara, como planta sequiosa, mergulhar as raízes nesse veio fundo onde, dizem, corre perene o frio confortante da Ventura: o Lar; e todos os meus esforços haviam batido contra uma pedra bruta e dura que me magoara as extremidades mimosas dessas raízes. Vivia, pois, como o porco vive num curral. Refocilava, grunhia e fazia apenas porcarias e por ter gamela bem cheia.

Veiu o momento Fatal — por sinal dia de ventura para mim e para os meus. Casava-se a Beatriz. Entrei na Igreja com alma plena de alegria a respirar ventura. Ajoelhei pedindo a Deus a parcela da sua misericórdia infinita que a mim não coubera, para a minha filha, a coisa melhor que eu tinha. Uma emoção, um como que doce eflúvio penetrou-me; e, sem me conter, soluzei comovido naquele dia de grande ventura.

Depois, de repente, tendo-te visto aliás, tanta vez, sem que me perturbasses, desatei, nessa noite de festa, a misturar-te cãndidamente na minha vida; a desejar-te, sem explicação, para minha mulher,

minha companheira, minha senhora. Como, se eu era casado? Louco!...

Confesso-te que em mim sempre residiu, apesar da fama horrível de desmoralizado e malandro, um fundo de castidade e de respeito por toda a gente. Nunca manchei ninguém que fôsse susceptível de mancha, nunca seduzi ninguém.

Aparecias nos meus sonhos sempre como o Anjo da Paz, dessa paz que eu tanto quero; mas não tento explicar como eu antevia possibilidade de alcançar êsse Ideal.

Contudo, deixa-me desabafar, M..., eu sentia por ti uma como que atracção fatal, daquelas que levam às soluções violentas e que só o muito amor e respeito continham. Por desgraça minha julguei perceber uma certa simpatia do teu lado: que me percebias e lamentavas a triste sorte que puzera entre nós uma importuna e cruel terceira pessoa. Assim vivi da luz dos teus olhos, da franqueza do teu coração, da afabilidade do teu trato, sem maus pensamentos, feliz em te ter como minha boa amiga, grato ao teu acolhimento e carinho três vezes. Tam arreigada era em mim esta crença de que te não era indiferente que, ainda hoje, após esta fatal semana em que tenho

sofrido como nunca julguei que sofresse, julgo-me vítima de uma alucinação, penso que tudo quanto me fazes é fingido, só para me arreliares e ver a intensidade desta paixão. Já viste loucura maior?

Sim, loucura, porque, com certeza, o que resta de um tam suave e grande sonho é apenas o meu sofrimento que é incomensurável!

Ai os dias da Catembe, o alvoroço com que me vinhas receber ao caminho.

Tudo esquecido, tudo perdido!...

Juro solenemente pela felicidade de minha filha, pelas cinzas para mim santas de minha Avó, que não provoquei, não procurei nem gostei que... saísse de casa e esta situação se criasse. Deu-se o facto independentemente da minha vontade. Tentei, com empenho, fazer com que voltasse às quatro paredes tristes do cárcere onde vivêramos morrendo 19 anos!

Tua tia é testemunha. Fugi para o mato para te não ver e não me tentar o Demónio. Queria ser alheio aos acontecimentos futuros. Foi tudo balado; e eu, julgando-me irresponsável por um tam desastrado passo, agradei a Deus a minha libertação. Emfim, podia pensar sem vergonha em ti, Farol longínquo do meu pôrto, para ti voltei os

00000000

00000000

olhos da alma e a barca da Esperança vogou lentamente em busca do ancoradouro. O meu coração vadio até ali, enchia-se pouco a pouco daquela suavidade que adoça os caracteres. «Amor, amor,» bradava eu com os olhos postos em ti...

Lembra-me, como se já fôra uma scena passada há muito ano, todo o curto idílio do ido mês de Abril, depois que voltei. Lembra-me depois a noite de *cinema* (terça-feira, 2), em que passeámos na Praça 7 de Março, quási como noivos; a entrada triunfal no teatro, em que a minha vaidade foi imensa por te ter a meu lado. Tudo tam casto, tam santo. E acabou!

Agora explica tu mesma, alira com a tua alma às alturas siderais para que a minha alma te oiça — ¿que é que se passava em ti, quando te pedi, no teatro, e acedeste em apoiar o teu braço no meu braço, quando anuiste nos projectados passeios, a cavallo, comigo (e até falei em uma saia de amazona) e na conversa sôbre lições de plano não recebias porque, altiva e inteligente, apreendias a situação e não querias ser tam pesada à tia? ¿Que conclusões podia eu tirar de tudo quanto se passava? As que eram lógicas: como te amava e me julgava correspondido quis saber a verdade e per-



guntei-te em landim (*), no tal maldito bilhele, se querias ser minha mulher.

Corria o processo do meu divórcio.

A sentença era esperada a todo o momento. Eu podia, portanto, procurar construir o meu ninho.

Ora, foi justamente nesse dia, sábadô abominável, que desabou todo o castelo. As minhas quimeras, as minhas ilusões! Mortas! ¿Porquê, porquê?

Desde então até hoje não é mais enigmática a esfinge do Egipto, do que tu perante esta ansiedade, êste suplicar constante para que me digas o motivo do teu ódio.

Tenho-te ódio! Só isto me foi dado ler, escrito pelo teu punho.

Dei tratos à imaginação, incomodei tanta gente, mas inútilmente, para que me fôsse revelado o meu crime. A ninguém o dizes. Tens-me ódio, rancor e juraste matar-me — é tudo quanto sei. ¿Mas, ódio porquê?

Julgo... — mas eu sei lá já se é isto ou se não é isto!... — Julgo que não percebeste o tal bi-

(*) *Landim* ou *Shironga*, dialecto falado pelos indígenas de Lourenço Marques.

lhete por ser em landim e não saberes ler landim. Tomaste à conta de uma desonestidade o que era muito sinceramente um pedido formal da tua mão.

Nunca de mim julguei que fizesses um juízo tam vil, nunca pensei que de ti viesse a receber um insulto tam cruel: Juro-o!

Como eu sofro neste momento. Ail Minha pobre cabeça vasia à fôrça de tanto pensar, descançal...

Vou estender no catre os membros fatigados. Deus julgue das acções dos homens. Enlouqueço.

São 4 horas da manhã, não posso mais!

Às 2 horas de 15 de Maio de 1917.

Acabo de reler êste tumultuoso e desordenado desabafo de ontem. Frio, muito frio... Não traduz nada do que eu sentia e sinto. Soubesse eu fazer psalmos para serem gemidos aos sons de um órgão na missa de *requiem* dêste entêrro da minha ilusão — e far-te hia chorar, tu insensível, porque não se deu ainda na face da terra uma tam grande injustiça!

Desperto de duas horas de mau sono — sempre a ver-te, sempre a suplicar e, sempre, como uma sombra, a fugires à minha retina, à minha ansiosa evocação.

Que dizia eu ontem? Que anelara por uma vida que toda a gente poder ter. Que me sentia muito só, sem lar, sem affectos e idealizara um *home* pedindo para êle a Benção de Deus. Tam natural, tam humano. êste desejo, êste sonho.

Quê? ¿Pois toda a gente pode ter essa parcela de ventura na terra, só eu sou o prós crito banido da esfera onde êsse desejo é possível e se realiza?

Justos Ceus — para um tam honesto desejar, o desencadear furioso de uma tempestade que não amaina. Basta, meu Deus! Se é em desconto dos meus pecados sinto que penei demais, porque, acredita — ó causa do meu tormento — nunca fiz mal a ninguém, não tenho no meu balanço crimes ou injúrias. . . .

Todavia, hoje, após uma grande excitação nervosa, sinto-me um tanto acalmado. ¿É lassidão de nervos ou passividade conformada aos desígnios da Fatalidade? Tudo e nada ou tudo junto.

Comecei a perceber que em roda do meu nome a entenebrecê-lo está uma rodela de lama.

Tentam conspurcar-me e ouve-se pelos cantos das ruas, nos cóios da gente de alma canallia, a ária da calúnia. Estou perdido no teu conceito — ouviste a ária.

Não zurzi hoje o *** porque é um velho e talvez seja doido. Mas reconstruo a scena como eu a supponho: Eu mostrei-te o bilhete. Riste enleuada e disseste: «Deus me livre» — estribilho muito teu.

Depois ouviste talvez alguém dizer muito mal de mim — êsse apontoado de misérias e asneiras que de mim dizem. E êsses contos ter-te hiam feito desistir de ir a casa da *** porque sabias que eu lá iria, para te ver apenas, porque a minha alma só em ti pensa.

No domingo não respondeste, nem ao menos por delicadeza, ao bilhete que mandei à tia perguntando pela tua saúde. Á saída da missa evitaste até dar os bons dias que nada custam. Na Polana fugiste de mim, ao jantar foste de uma mudez de estátua. Mas, sempre mulher no fim de contas, percebendo que me torturavas, uzaste de um novo instrumento de suplício. Cantaste pela primeira vez! e eu baboso julgava que na tua alma havia uma imagem para quem erguias a melodia da tua voz. Como depois castigaste a minha vaidade!



Emfim, mulher, tiveste um requinte de cortezia: foi o queimar a carta em que eu alvoraçado te perguntava a razão da tormenta e o devolver com aquelas insolências a segunda, em que abismado perguntava pela resposta da primeira!

Diz-me agora: É algum crime amar-te? Aman-do-te foi alguma ofensa pedir a tua mão?

Até ali se me não amavas (acredito agora, acredito, ó meu Deus!) também me não tinhas ódio. Êste ódio, portanto, proveio: ou do bilhete em lândim, ou de cousas que te disseram a meu respeito, ou — se é que lêste a primeira carta — de alguma cousa que eu tivesse escrito. Mas é bom frisar que no sábado, domingo e segunda-feira já estavas ao pé de mim — o teu amigo, aquele com quem ainda na véspera tanto brincavas e tanto encantavas, como se está ao pé de um cão linhoso e mal cheiroso...

Que me não amas — acredito — mas não é também razão para me teres ódio, para me não falares. Era o bastante dizeres: «*Nivambongolo* (*), gosto de brincar contigo mas não quero casar contigo».

(*) *Grande burro*. Alcinha dado ao autor, por ironia, pelo elemento indígena de Lourenço Marques.

E eu sofreria no meu amor próprio e por ver desfeito o meu sonho, mas não atingiria estes paroxismos de agonia que proveem do teu ódio; do propósito firme de me não falar, não me dizeres o mal que te fiz.

E todavia — ó minha esperança desfelta — eu julgava-me seguro.

Não sou um velho, não sou um burro, não sou um malvado. Sou pobre — mas também não és rica. Julguei que procurando-te, a ti te honrava — e me honrava — porque, supuz, sendo tu solteira, a tua aspiração seria o casamento, sendo tu inteligente, ilustrada, alegre e boa rapariga, constituirias a felicidade que tanto busquei em vão.

¿Onde está aqui o motivo para zangas e para ódios?

Francamente, meu amor, perco-me em conjecturas sem saír dêste círculo apertado.

Perdi-te. Tenho a íntima, a plena certeza de que nunca mais me falarás. Sinto-o.

E chamar-me hiam assassino se eu a tiros de revólver liquidasse o bandido que me intrigou e que me perdeu! Para a morte moral não há penas. Pode todo o miserável destruir o que de mais santo eu concebera. Para êle não há polícia, cadeia.

... ..
Mau!... Volta-me a ternura e o coração bate apressado. É a lesão a trabalhar. Que bom ficar de repente, assim mesmo como estou, cerrar os olhos, acabar para não ver o prosseguimento desta tragédia!

P. S. — Sabes? Dizem os filósofos e diz a sabedoria das nações — que é a filosofia experimental da vida — que *só odeia quem ama*!... Se eu te fôsse indiferente não me odiarias...

É isto? É isto, hein?...

Não, não. Sempre sou um visionário...

À 1,30 de 16 de Maio. Dormi das 8 às 12

Hoje meu irmão José ao ver-me não se conteve: «Estás tam magro! É o que se chama pele e osso!»

¿Que diabo de cousa lhe havia de dizer? Nada. Que sim, mas não sabia porquê.

Se não tenho adoptado êste expediente de trasladar para o papel êste galopar desabalado para o aniquilamento, estou que a estas horas eu era das duas cousas uma: ou um louco ou um cadáver.

Não sei, não posso compreender que, sem cometer uma única falta, se sofra tanto.

Para não estoirar nas longas horas das noites que eu passo sem dormir, de olhos abertos e mente encandecida, a arder em febre, tive a feliz inspiração de escrever. Louvado Deus, que me ensinaram esta prenda. Para não desfalecer de repente e romper em escandaloso pranto nas horas do dia em que tenho de conviver com os meus semelhantes desabafei com um amigo. Não sei quem foi que escreveu esta profunda verdade: que a dor diminue quando a gente desabafa com alguém.

Mas ainda me falta desabafar com alguém e esse alguém és tu. Se tu me ouvisses, como esta tortura diminuiria! E eu não peço mais nada, são tam limitadas as minhas aspirações! Deixasses-me falar, ouvisses tu sem ira e sem ódio a onda de fel que me sufoca e mata e eu retirar-me hia tranquilo a sofrer então, resignado e calado, o resto dos dias escuros que me aguardam. Mas não, nem me é concedido, ó Deus de Misericórdia!

Que isto há-de acabar um dia—não há nada que não tenha fim—e revendo esta trágica *étape* da minha vida eu até me ria de tanta pieguice,

creio. Deus um dia há-de pôr termo à agonia. Sòmente prevejo que há-de acabar mal e quem se há-de rir—com um riso feito de dor—há-de ser um louco, restos desprezados de um pobre diabo que tem só o defeito de ter coração a mais.

Procurêi ontem, 15, a ***. Não sei porquê, parece-me que a chave do enigma está na mão dela.

Não estava em casa. Voltarei hoje quando fôr dia. Quero simplesmente perguntar-lhe se sabe alguma coisa dêsse teu inexplicável ódio a quem tanto te quere e a quem tam bem trataste até ao fatal sãbado.

¿Porque presumo eu? Nem sei.

Pôr indução, talvez ilógica—onde tenho eu cabeça para raciocinar!—parece-me que a baba peçonhenta do miserável *** caiu no ouvido da ***.

Tua tia disse-me que ela lhe havia repetido essas infâmias de que se fez arauto o malandro, de que eu não sustentava nem tratava a minha família e que ela *** acreditava. Que me custa acreditar que ela, na melhor das intenções, para te livrar das garras dum tirano te repetisse, colorindo a preceito, essas mesmas calúnias que me não peçam tanto como uma pena, porque são infâmias demais para serem acreditadas? Acertei? Não sei

e pressinto que o não saberei nunca por que ela não dirá e eu tenho pouco geito para diplomata — sou sincero demais.

Receio não conter o meu ressentimento perante ela que, a ser o que suponho ser, me estragou a vida. Se conseguir dissimular, ser calmo, falar sem exaltação, outro receio me assalta: romper numa súplica orvalhada de lágrimas, como diante das imagens de santos se pede de joelhos a protecção, o empenho para Deus.

E hás-de concordar que a figura será caricata. Só contigo eu queria desabafar — só diante de ti me queria humilhar, ajoelhar suplicante, tornar-me pequeno. Que os outros não suspeitem que em corpo tam grande há apenas uma alma fraca, uma vontade vencida, um maricas afinal, que qualquer criança faz chorar. Faze, em espírito te invoco, mulher, com que me poupe a tanta humilhação: chama-me ámanhã de manhã para me ouvires, sim?

Eu já não quero que me dispenses aquela ternura, aquele affecto que me parecias ter e que tam lamentavelmente me perdeu. Quero sòmente que me ouças para te convenceres que razão não tiveste para um tam insólito procedimento. Se me

ouvisses, se eu te pudesse falar, estou que te renderias, que te converterias à paz, ao amor, tal é a intensidade da minha paixão, tam grandes são as ofensas que me fizeste injustamente.

Louco, louco... Cai outra vez no pecado da vaidade e da infâmia. Não — nunca me tiveste nem afeição nem respeito — muito menos amor.

És mulher e mulher má. Brincaste apenas comigo.

Agora um pouco de calma e analisa, M..., a minha, as nossas situações:

Eu tenho filhos (*), tenho a meu cargo a Hermengarda (**), já mulher, e tenho o Pinto Pássaro (***), um desgraçado, dois desgraçados que não têm mais ninguém neste mundo. A todos eles e ao meu nome devo respeito e bons exemplos.

Velho ou novo, no meu estado de divorciado,

(*) Beatriz e Carlos.

(**) Filha do falecido E. Tôrte do Vale (Mavulanganga), autor dos Dicionários Shironga-Português e Português-Shironga.

(***) Uma criança de nome João Manuel, filho de uma prima do autor.

preciso continuar a ter alguém em casa que tenha o prestígio de mulher e me tome conta dos meus, e, como te disse bastas vezes, preciso principalmente de ter um lar, afeições, carinhos, alguém a quem dar o que nunca dei através de 19 anos de vagabundagem. Preciso, pois, de me casar.

¿Onde está, porém, a mulher para realizar esse sonho? Na nossa terra e da nossa raça, ¿quem está aí?

Porque não havia de o meu coração, guiado pelos meus olhos e pelo meu cérebro, que reconheceram em ti a criatura única, procurar-te? ¿Que enorme crime há nisto para me votares um ódio pelo atrevimento?

Por outro lado não vejo aí também rapazes compatíveis com os teus merecimentos, a tua educação, que te possam desposar. Se tens sobre mim, que sou pobre de tudo e apenas rico em encargos, a vantagem de ter uma tia que é o teu amparo, não é menos certo que o fim de toda a rapariga é casar e não me pareces assim uma excepção monstruosa.

Pobres somos ambos — e Deus me livre de que às tuas afrontas juntasses, por momentos que fôsse, a suprema injúria de me supores sugestioná-

do, não por ti, mas por hipotético dote que tua tia te venha a deixar. Pobres, pois, como somos, julguei que o meu amor seria correspondido e que da tua parte o meu gesto seria tomado como um acto lial e um passo moral de bom exemplo.

Não havendo quem esteja à altura de casar contigo; sendo notório que tinhas inclinação por mim — toda a gente via isso —; reconhecido por todos que o *mumadji* (*) a casar com *narras* (**) só é por dinheiro — e tens infelizmente exemplos na família — ¿que foi que te causou espanto que eu te pedisse?

Tu és uma doente, uma predestinada, se não tiveres quem de ti trate com carinho e disvêlo de pai. Á mínima contrariedade, arrelia, desfeita ou cousa parecida, pode-te aparecer a horrível e lancinante doença que dizimou tanta gente em tua casa.

Corro-lhe o risco todo e de boa vontade. É para todas as contingências da vida que te quero

(*) Vocábulo do dialecto shironga, falado pelos Indígenas de Lourenço Marques, que significa *português europeu*.

(**) *Pretas, negras*. *Narro*, é expressão muito usada em África para qualificar o nativo, indígena.

para minha mulher, certo de que com bom regime e tranqüilidade não terás nada a receiar.

Já vão longe as criancices da mocidade. De mim não há esperar contrariedades. Asnei quanto pude. Saciei-me de mulheres e da vida de vadio; bebi quanto se pode beber. Só dois males não experimentei: o Jôgo e ... o Amor. Agora, assente na cadeira da paz que te ofereço, varrido da minha vida o lixo de que andei coberto por fôrça das circunstâncias, tendo-te a ti ao meu lado, esperava, tinha fé em que a vida me correria tranqüila. E não temeria as tentações do jôgo, porque me é antipático aquele *sport*—porque fascinação superior teria eu em casa, em ti, relicário dos meus afectos.

¿Serei eu um velho? Não, não sou.—Sinto, vejo, sei.

Contando tudo isto pelos teus dedos, hás-de ver que não há falha possível, não há embustes, não há mentiras. Eu nunca minto. Expuz-te claramente a situação.

Eu não posso metêr em minha casa, pretas. Não posso ter amigas. Mas também não posso continuar uma vida de que eu não fugia apenas porque não tinha lar onde me acolhessem,

onde pudesse estar. Erro maior é continuar no erro.

Ora ambicionando eu — arrebatadamente, concordo, mas com sinceridade — tão sómente uma situação moral e modesta, ambição que toda a gente pode ver realizada: um lar, um cantinho, é porque é que só eu não posso realizá-lo? Que mal fiz eu a esta gente para me querer assim tão mal?

O meu coração ferido cruelmente, sangra — não a repulsa, mas a ingratidão. Intenções tão puras, tão alevantadas, de repente malsinadas, vilipendiadas.

Obrigado! Muito obrigado!

Voltarei para o meu inferno. Para mim não há nem paz nem perdão. Está bem. Que hei-de fazer se o Destino não quiere!?

Todavia, M..., o choque foi grande. Foi violento demais. Podia-me ter atirado abaixo. Tive ameaças de uma síncope cardíaca ou congestão cerebral. Senti torturas e o coração parou. Valeu-me mergulhar os pés em água quasi a ferver. Quando me quiseses insultar outra vez usa de

mais moderação: propina veneno às doses. Assim tudo junto deixas minha Mãe sem pão. Se não sabias ficar sabendo: sofro do coração que é doença de que também sofre tua tia — todas as pessoas afectivas que tanto amam o próximo e tão frequentemente são desfeiteadas.

O *oráculo* — ah! ainda te não falei no livrinho dos mistérios, o *oráculo*, esse engenhoso repositório de petas — tem, há uma semana, brincado comigo de um modo descarado. Segundo êle, tu tens-me amor mas pretendes occultar... Diz que me amas sinceramente e que te tornarei a falar por obra de um amigo empenhado em te convencer da tua injustiça.

Quando, porém, babando de gozo idiota por estas duas mentiras, lhe pergunto: «Conseguirei os meus desejos?» — o *oráculo*, muito sério, responde cruel; *Não*.

É então que me acode à mente que tive um dia um sonho, uma esperança, ilusão que se desfz ao sôpro de uma intriga que não posso castigar por que não sei de onde parliu, nem em que consista.

São já quatro horas a aproximar-se. O Joãozinho (*) estrebucha descoberto na cama. É preciso cobri-lo que está com uma tosse incômoda. Coitado, não tem ninguém! E posso-lhe faltar e há almas de cães danados que me querem aniquilar. ¿Para quê, para quê?...

O que é certo é que começo a escrever carregado de tristezas e a pouco e pouco sinto dissipar o negrume. Ficam muitas penas ainda, mas a verdade é que isto alivia.

¿Como é que se sabe por toda a parte que me vou casar?

É ainda a ária da Calúnia!

Deixas-me dormir um momento, sim? Não me aflijas tanto. Deixa que o sono me visite. Duas

(*) A mesma criança a quem o autor se refere anteriormente, chamando-lhe pelo seu alcunha: *Pinto Pássaro*.

horas só bastam-me. Ando tam abatido e isto de não dormir dá cabo de mim. Consentes, sim?

31 de Julho de 1917, ás 7 horas da noite.

Só hoje tornei a abrir estas fôlhas amargas. Desde 16 de Maio, é que foi que se passou na minha mirabolante existência? É que foi, ó mulher cruel, que succedeu na minha vida?

Todo um corlejo de cousas tristes e vis; todo um mar de ignomínias. Ah! para que me reservou Deus a vida até agora!

Não falei a ***, não consegui ser ouvido por ti e a minha vida decorreu entre tumultos de coração, rebates dolorosos que me presagiavam destinos sombrios.

Não me lembra em que dia comprei para ti uma prenda que na tal noite do Cinema eu vi na montra do A. B. C., com a legenda «Malô — Lealdade». Fazias anos a 29 de Maio e este idílio radicara em Maio. Esperava por esse dia para solicitar as pazes. Dias antes de uma scena desagradável com a tia e com o ***, tinha eu adivinhado

menos dureza nas tuas palavras e que não te esquivavas tanto como até aí em responder às minhas perguntas.

Apenas destáco êste dia 29 pelo muito que sofri com o meu embrulho na mão ao ouvir as tuas sibilinas palavras de reęusa, de desdém, de mofa. Estavas com as tuas primãs chegadas de Portugal e recordo-me apenas de que deixei o embrulho em cima da mesa e saí corrido, enxovalhado!

Para quê o resto da narração: A 2 de Junho, à porta da estação do caminho de ferro, caía eu com uma síncope cardíaca! O que eu chorei estirado na banca do pôsto médico enquanto me aplicavam ventosas, ao perpassar pela mente o longo drama dêsse mês e como iam ficar na orfandade os meus filhos e sem amparo tanto aderente que de mim depende!

E em casa chamei, pedi que te chamassem. Queria entregar-te êste manuscrito, antes que alguém o visse.

Lembro-me da cara aflita da tua tia, ao entrar no meu quarto, e do aparato de ternura. Ai, a hipocrisia humana!

E depois vieste, e indiferente contavas os minutos que estavas ali amarrada. Á saída, por mercê

especial, desejaste, com a cara voltada já para a porta, a continuação das melhoras . . .

Enfim, rapariga, então nesse dia estava longe de perceber o que se passava no teu coração, como hoje estou sem perceber nada do que se está desenvolvendo em roda de mim e o que queres fazer de mim.

Aquele sábado horrível, de muita chuva e vento, em que embarcaram às primas para Inhambane, foi uma nesga de luz na noite escura da minha vida. Soube por ti, finalmente, que me não falavas por expressa proibição da tia!

Como eu andei tanto tempo enganado com ela!

Enfim, e agora? Agora que provoquei a zanga e que foste para junto de teu irmão, ¿porque não escreves? ¿Porque não respondes às minhas cartas?

Outra vez em face do mistério!

• • • • •
¿Que sou casado e que a Igreja não sanciona o casamento civil?

Ora vejam no que havia de dar o teu beatério — que é cousa diferente da religiosidade que fica bem a todas as mulheres.

¿Então só por isso me queres matar? ¿Quererás tu porventura levar-me a cometer o crime que me deixe viúvo segundo a Igreja?

Deixa-te de utopias.

*Hospital Miguel Bombarda, 20 de Abril
de 1918, às 9,30 da noite.*

Havia feito o protesto solene de nunca mais escrever aqui uma linha, nem abrir êste livro amargo. Mas ... fui sempre o mesmo miserável, sem vergonha ...

O Homem põe e Deus dispõe. Se fôra eu a proclamar esta profunda máxima, todos olhariam para mim profundamente apiedados da minha loucura, pois ma tomariam por uma baboseira, uma banalidade.

Não é meu o pensamento, felizmente, e por isso é conseqüente, infalível verdade.

¿Porque êstranhos acasos vim eu parar a um hospital? Estarei louco?

«Um pouco, um pouco» — me diz aqui do lado um enigmático sugeito, de calças de bombazina,

bota de salto de prateleira, que supponho expedicionário do Niassa...

¿Porquê, meu senhor?

.....

É sempre complicada a história do coração humano — mas a minha então tem aspectos e cambiantes que deixam perplexo o mais maduro dos psicólogos, estarecido o mais scéptico. A alma da Mulher, se é que tal ser tem alma, é um mistério; mas a tua — ó divinizada flor do Mal — é perfeitamente um monturo — com perdão de Deus, que nos julga a ambos.



*O produto líquido da venda d'este livro
destina-se a auxiliar a subscrição aberta
para o mausoleu á memória de João Alba-
sini.*